

SOCIEDADE CIVIL E BURGUESIA – O PSDB NUMA ABORDAGEM GRAMSCIANA (1988-2002)¹

André Pereira Guiot²

Universidade Federal Fluminense

Resumo:

O presente trabalho dedica-se em submeter à análise os resultados da pesquisa feita acerca da presença do Estado-Maior do Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB) nas associações burguesas da sociedade civil e no meio empresarial, notadamente financeiro, durante a década de 90. Trata-se de realizar um estudo gramsciano do conteúdo social do partido, isto é, do conjunto dos aparelhos privados de hegemonia conectados ao partido e seu credenciamento frente a diversas frações da burguesia.

O intuito desse trabalho é visualizar e traçar um breve panorama das associações da sociedade civil em que o Estado-Maior do PSDB se organizava, formulava e disputava a hegemonia na sociedade civil ao longo dos anos 90. A pesquisa acerca das formas associativas coligadas ao *staff* dirigente do PSDB parte, desta maneira, do referencial gramsciano de que

[...] embora seja verdade que os partidos são apenas a nomenclatura das classes, também é verdade que os partidos não são apenas uma expressão mecânica e passiva das próprias classes, mas reagem energeticamente sobre elas para desenvolvê-las, consolidá-las, universalizá-las. (GRAMSCI, 2002, p. 201)

Se, para estudar um partido, “[...] será necessário levar em conta o grupo social do qual o partido é expressão e a parte mais avançada”, (GRAMSCI, 2002, p. 87) acreditamos, então, que o conteúdo social do PSDB possa ser desvendado se nos debruçarmos nas associações da sociedade civil e no meio empresarial em que seus “capitães” estavam vinculados, nelas atuando e articulando seus projetos. O estudo das formas associativas revela que suas conexões e *modus operandi* apontam para a construção, divulgação e conformação de uma nova hegemonia burguesa no Brasil.

Trata-se, assim, de desvendar a base social do PSDB, isto é, do seu Estado-Maior: aqueles que são, em última instância, intelectuais orgânicos do partido e, frente à nossa hipótese, da própria burguesia. Eram formuladores e divulgadores de uma nova

¹ Este trabalho é parte da dissertação de mestrado defendida em 2006 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), intitulado “Um ‘moderno Príncipe’ para a burguesia brasileira: o PSDB (1988-2002)” e orientada pela Prof^a Dr^a Virgínia Fontes.

² Mestre em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

sociabilidade, embora não fossem os únicos. Permanecem, até os dias atuais, fazendo parte de um partido maior, do qual Gramsci nos alude, que é o partido burguês – o bloco histórico que, nos momentos decisivos, agrega forças afins e forma-se a unidade em oposição ao seu antagonista histórico, objetivando contra este o seu definhamento enquanto sujeito emancipador, seguida da sua colaboração ao projeto que se anuncia.

Atuação em Associações da Sociedade Civil

Nossa pesquisa trouxe à tona que o Estado-Maior do PSDB estava presente e organizado, no decorrer dos anos 90, numa vasta rede de associações da sociedade civil, destacando-se as organizações patronais mais tradicionais da estrutura corporativa de representação de interesses como Confederações, Federações, Centros e Associações Industriais, Comerciais e Bancárias, pondo em relevo o conteúdo de classe do partido. É revelador o fato de que 14 (28%) das 50 lideranças pesquisadas possuíam vinculações diretas, orgânicas, programáticas com as entidades patronais historicamente mais organizadas do país.³

Na verdade, foi nessas entidades corporativas que encontramos a maior influência do *staff* dirigente partidário, tanto em termos de presença numérica quanto em altos postos de comando. Tornaram-se, ao longo do período pesquisado (1988-2002), presidentes, diretores, consultores de federações, centros, associações, sindicatos e institutos pertencentes às frações da classe burguesa.

Encontramos também a presença dos peessedebistas espalhados numa diversificada rede de associações burguesas da sociedade civil. A tabela abaixo destaca as principais associações onde as lideranças peessedebistas estavam presentes:

Quadro I – Presença nas associações da sociedade civil⁴

Associações	Dirigentes Peessedebistas
Confederações, Federações, Centros e Associações Industriais, Comerciais e Bancárias (CNI, FIESP, CIESP, FIEC, CIC, ACRJ, CIRJ, FIRJAN e FEBRABAN)	Bresser Pereira, Celso Lafer, Paulo Renato, Andréa Matarazzo, Antônio Pannunzio, Euclides Scalco, Emerson Kapaz, Sérgio Machado, Tasso Jereissati, Albano Franco, Márcio Fortes, Ronaldo César Coelho, Winston Fritsch e Henrique Meirelles.
Instituto Sérgio Motta	Paulo Renato, Ruth Cardoso, Tasso Jereissati, Alberto Goldman, Andréa Calabi, Andréa Matarazzo, Antônio Kandir, Clóvis Carvalho, Luis Carlos Mendonça de Barros, Bresser Pereira.
Instituto de Estudos para o	Gustavo Franco, José Serra, Pedro Piva, Pérsio Arida, Andrea

³ Como a pesquisa se centrou num dado período histórico (1988-2002), achamos que, para garantir rigor ao texto, é prudente nos remetermos ao pretérito quando tratarmos dos elementos trazidos pela pesquisa acerca do Estado-Maior do PSDB, *mesmo nos pontos em que há visíveis conexões com os dias atuais*.

⁴ Para composição dos quadros a seguir foram utilizadas as seguintes fontes: GOMES (2000), ABREU (2001) e pesquisas em *sites* da internet.

Desenvolvimento Industrial (IEDI)	Matarazzo e Antônio Kandir.
Comunidade Solidária (Comunitas)	Ruth Cardoso, Antônio Kandir, Bresser Pereira, Paulo Renato e Celso Lafer.
Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI)	Celso Lafer, Fernando Henrique Cardoso, Hélio Jaguaribe, Márcio Fortes e Winston Fritsch.
Câmaras de Comércio: Brasil-China (CCIBC), Brasil-EUA, Americana do RJ e de SP	Aloysio Nunes Ferreira, Fernando Henrique Cardoso, Tasso Jereissati, Edmar Bacha e Henrique Meirelles.
Fundação Mário Covas	Pedro Piva, Arnaldo Madeira, Euclides Scalco, José Aníbal.
Sociedade Bras. de Estudos de Empresas Transacionais e da Globalização Econômica (SOBEET)	Henrique Meirelles, Bresser Pereira, Winston Fritsch e Gustavo Franco.
Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial	Bresser Pereira, Aloysio Nunes Ferreira e Cláudia Costin.
Instituto Nacional de Altos Estudos (Inae)/Fórum Nacional	Fernando Henrique Cardoso, Márcio Fortes e Hélio Jaguaribe.
Instituto de Estudos em Política Econômica (IEPE)	André Lara Resende, Edmar Bacha e Pérsio Arida.
Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI)	Celso Lafer e Clóvis Carvalho.
Fundação Victor Civita	Ruth Cardoso e Cláudia Costin.
Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC)	Clóvis Carvalho e Paulo Renato.
Fundação Konrad Adenauer	Arnaldo Madeira e Yeda Crusius.

Percebemos que o Estado-Maior do PSDB não se vinculava a *nenhuma* associação da sociedade civil ligada aos setores populares, ao contrário, a pesquisa revelou que a fertilidade das propostas peessedebistas se devia, em grande medida, às demandas já colocadas pelas organizações da sociedade civil do empresariado (seja nacional, internacional ou associado, seja comercial, industrial ou financeiro). Seja através de seu conteúdo programático⁵, seja por meio das associações da sociedade civil em que estava presente (sua base ou composição social), podemos afirmar seguramente que não se tratava de um partido social-democrata – tratava-se sim de uma adaptação das ideias centrais propugnadas pela “nova social-democracia” europeia, ou seja, pelo neoliberalismo terceira via.⁶

As organizações da sociedade civil apresentadas acima eram responsáveis, em parte, pela contínua formação do arcabouço teórico e das práticas político-culturais do grupo dirigente do PSDB. Essas bases sociais do partido contribuíram para a definição

⁵ O exame do conteúdo programático do PSDB, de 1988 a 2002, através dos documentos internos do partido, encontra-se em GUIOT (2006).

⁶ O neoliberalismo de terceira via é uma expressão cunhada pelo Coletivo de Estudos de Política Educacional da Fiocruz para assinalar a diferenciação entre o neoliberalismo ortodoxo e sua redefinição pensada por Anthony Giddens. Segundo Carlos Nelson Coutinho, a “terceira via” é uma tentativa de dar ao neoliberalismo um “rosto humano”, já que a hegemonia neoliberal, aberta e escancarada, está sofrendo abalos (COUTINHO, 2004, p. 328 *apud* LIMA e MARTINS, 2005, p. 66). Lima e Martins (2005, p. 67) apontam, com bastante propriedade, que esse projeto político se apresenta numa perspectiva de “modernização política”, orientando o ajustamento dos cidadãos, do conjunto da sociedade civil e da aparelhagem estatal às demandas e necessidades do reordenamento do capitalismo.

de seu perfil ideológico e por isso se fez necessário rastrear as formas associativas (setores do empresariado e outras) a ele ligadas.

Uma análise mais detida dos dados disponíveis, porém, pode nos revelar três tipos de associações da sociedade civil que os dirigentes pesquisados vinculavam-se: a) associações empresariais de cunho corporativo; b) associações de estudos econômicos e relações internacionais e c) associações de cunho pedagógico voltadas às atividades para a população. A tabela abaixo identifica as associações pertencentes em cada grupo:

Quadro II – Tipos de Associações da Sociedade Civil

Tipos de Associações da Sociedade Civil	Associações
Corporativas	CNI, FIESP, CIESP, FIEC, CIC, ACRJ, CIRJ, FIRJAN e FEBRABAN.
Voltadas para Estudos Econômicos e Relações Internacionais	Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI); Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI); Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI); Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica (SOBEET); Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial; Instituto de Estudos em Política Econômica (IEPE); Instituto Nacional de Altos Estudos (INAE)/Fórum Nacional; Fundação Konrad Adenauer.
Voltadas para as classes populares	Instituto Sérgio Motta; Comunidade Solidária (Comunitas); Fundação Mário Covas; Fundação Victor Civita; Instituto de Defesa do Consumidor (IDEC).

Para além da proximidade do conteúdo programático entre o PSDB e setores empresariais, a pesquisa nos revelou as ligações orgânicas entre os dirigentes do PSDB e setores do capital. Podemos observar que muitos dirigentes eram *gestores* e *administradores do capital* e, em menor número, proprietários dos meios de produção. Destacava-se, dentre estes, a forte presença no setor bancário (como veremos a seguir) e, em menor escala, industrial. Podemos assim asseverar que o *staff* dirigente do PSDB não só se imbuía da lógica de classe das frações da classe dominante, como também passou a pertencer, em meteórica ascensão social, à própria classe. Como nos diz Gramsci (2004, p. 22) “[...] os altos intelectuais urbanos confundem-se cada vez mais com o estado-maior industrial propriamente dito”.

Na tabela acima, nota-se também a forte presença dos dirigentes selecionados em associações de estudos econômicos e de relações internacionais. A grande parte dos dirigentes vinculados a essas associações haviam sido economistas que fizeram parte da formulação do Plano Real e/ou compunham a equipe econômica governamental durante os mandatos de FHC. Encontramos a presença também de Ministros de Estado e empresários.

Quando observadas as características principais desse tipo de associação chegamos à percepção de que se tratava de formuladores de uma dada pauta econômica.

Dedicavam-se também ao papel de formuladores de políticas internacionais com o objetivo de projetar as expectativas de setores do capital à inserção “competitiva” no “cenário globalizado”. Através dessas associações os dirigentes do PSDB carregavam para o interior do aparelho estatal as demandas internacionais de setores do capital em prol de readequações e aprofundamento da internacionalização das relações de produção capitalistas no Brasil. Renovavam as trocas de informações com os pares no exterior, consolidavam os *habitus* de uma restritíssima elite endinheirada bem-pensante. O PSDB explorava e representava a subalternização da vida econômica nacional às relações internacionais. Assumia desta maneira o papel de “partido do estrangeiro”, descrito por Gramsci (2002, p. 20)

[...] com frequência, o chamado “partido do estrangeiro” não é propriamente aquele que é habitualmente apontado como tal, mas precisamente o partido mais nacionalista, que, na realidade, mais do que representar as forças vitais do próprio país, representa sua subordinação e servidão econômica às nações ou a um grupo de nações hegemônicas [...].

O programa neoliberal de terceira via tenta nos convencer, o tempo todo, de que a internacionalização das relações produtivas é inevitável. Já que “não há outra alternativa”, diz ele, o trabalhador deve se “especializar”, se submeter a “novos aprendizados e formas de interagir” no âmbito da vida social. Isso significa criar, junto aos setores populares, uma nova “cultura cívica”, uma “nova ética” e uma “nova moral” no qual deve prevalecer a “parceria”, a “participação”, a “solidariedade”, a “responsabilidade social”, sob o pretexto de construir uma “democracia dialógica”.

É neste sentido que podemos entender a presença do *staff* diretivo do PSDB nas associações da sociedade civil *voltadas* para os setores populares. São associações que se dedicam a uma ação pedagógica capaz de forjar uma base social mais ampla para a construção da sociabilidade propugnada pelo neoliberalismo da terceira via. Trata-se da propagação da contrarreforma intelectual e moral, da difusão de uma concepção de mundo que atribui novos significados ao conjunto dos setores subalternos. Destina-se a formar consciências que apontam para soluções individuais dos problemas que afligem a coletividade, obstaculizando até mesmo o nível mais elementar das relações de forças, qual seja, a luta econômico-corporativa de cunho sindical.

Há, portanto, uma complementariedade entre os três tipos de associações: as de estudos econômicos e as corporativas atuam na elaboração e aperfeiçoamento das demandas dos setores hegemônicos internacionalizados, dando a direção e o ritmo da

implantação das políticas econômicas neoliberais. Precisam não só de uma mão-de-obra que seja “tecnicamente qualificada”, mas também que seja dócil, ou melhor, colaborativa. Este papel cumprem as que estão voltadas para os setores populares: educam para o capital, formando um consentimento ativo entre os que delas participam.

O papel do PSDB era o de fazer a interlocução entre essas associações e o Estado, na medida em que os dirigentes do partido atuavam em ambas as esferas, apresentando-se como “prepostos do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político” (GRAMSCI, 2004, p. 21). Ou seja, o PSDB era um instrumento que se propôs fazer a mediação entre o projeto do neoliberalismo formulado no âmbito das associações burguesas e o aparelho estatal.

Presença no Meio Empresarial Bancário e/ou Financeiro

Todos os nossos dirigentes-economistas pesquisados ocuparam cargos públicos nas esferas decisórias da administração e da economia estatal. Foram ministros de Estado, secretários de ministérios, de política econômica, do Tesouro Nacional, presidentes e diretores de bancos públicos como o Banco Central e o BNDES, assessores diretos da Presidência da República, presidentes de órgãos de pesquisa e elaboração de estatísticas (IPEA e IBGE), membros de importantes conselhos deliberativos, coordenadores de programas vitais na reestruturação do Estado, etc.

Os dirigentes-economistas era um grupo que possuía maior influência na política econômica do governo FHC e que se espalhou por inúmeros bancos nacionais e internacionais. Participaram intensamente dos negócios gerados pelo “ajuste” econômico, entre eles a privatização de estatais. Maria Rita Loureiro (1997, p. 90) destaca que muitos seguiram carreira no setor privado, abrindo empresas de consultoria, nas quais “têm oportunidade de rentabilizar os ‘capitais’ de informação e de conhecimento acumulados durante sua experiência em organismos governamentais”. Ora, no caso dos dirigentes-economistas pesquisados, tratou-se na verdade de um fervoroso e rápido processo de *banqueirização* nas decisões de políticas públicas, em que a esfera pública tornou-se um trampolim para que frações hegemônicas do capital financeiro pudessem ditar as normas de como e onde o poder estatal deveria atuar, como forma de alargar suas margens de lucro.

O quadro abaixo nos dá a dimensão da vinculação dos dirigentes-economistas do PSDB com o setor financeiro:

Quadro III – Presença em Instituições Financeiras e/ou Bancárias e Consultorias⁷

Economistas Peessedebistas	Instituições e associações bancárias e financeiras
André Lara Resende	Banco Garantia; Fundador do Banco Matrix; Vice-presidente executivo do Unibanco; Membro do Conselho Consultivo do Instituto Brasileiro de Mercado e Capitais (Ibmec-SP).
Andrea Calabi	Membro do Conselho de Administração da Cia. Paulista de Ativos (1996) e BANESPA (1998).
Antônio Kandir	Diretor da consultoria Kandir e Associados Ltda. Coordenador de Estudos Econômicos da Itaú S.A. Planejamento e Engenharia; Atualmente é Sócio e Conselheiro do Banco Ribeirão Preto.
Clóvis Carvalho	Chefe do Departamento de ações do Banco Safra S/A e de Fundos de Investimento do Unibanco.; Diretor do Bansulvest S/A.
Edmar Bacha	Sócio-fundador da VivaCred; Pres. da Associação Nacional de Bancos de Investimentos (Anbid); Economista-chefe e sócio do Banco BBA Creditanstalt; Presidente da Associação Nacional das Distribuidoras do Mercado Aberto (Andima).
Gustavo Franco	Banco Garantia; Sócio-diretor da Rio Bravo Investimentos.
Henrique Meirelles	Diretor Superintendente da Boston Leasing, (1975-1978); Vice-Presidente do Banco de Boston, no Brasil, (1978-)1981); Primeiro Vice-Presidente do Banco de Boston, no Brasil, (1981-1984); Presidente do Banco de Boston, no Brasil, (1984-1996); Presidente mundial do BankBoston Corporation, em Boston, EUA, (1996-1999); Presidente do Global Banking no FleetBoston Financial, em Boston, EUA, (1999-2002); Nesse período, no FleetBoston, acumulou as funções de Sênior Executive em NY, Presidente da Financial Services Bank e do Wholesale Bank. Diretor-Executivo da Febraban, (1989-1996); Pres. fundador da Fed. Latino Americana de Leasing; Pres. da Assoc. Bras. das Emp. de Leasing; Pres. da Câmara Americana de Comércio (1995-1997); Pres. da Assoc. Bras. de Bancos Internacionais (1989-1996); Membro do Cons. da BM & F (2001-2002).
Luis Carlos Mendonça de Barros	Banco de Investimento Industrial (Investbanco); Mercantil Participações Administrativas (Mepasa); Diretor-presidente da Investleasing e da Cia Agrop. Bandeirantes; Fundador da Corretora de Câmbio e Valores Imobiliários Patente; Fundador, Diretor e Vice-Presidente do Banco de Investimentos Planibanc; Fundador e Diretor do Banco Matrix; Sócio-fundador da Quest Investimentos.
Luiz Carlos Bresser Pereira	Membro do Conselho Superior de Economia da FEBRABAN.
Márcio Fortes	Conselho Superior de Economia da FEBRABAN; Membro do Conselho de Administração do Banco Francês e Brasileiro S.A.
Paulo Renato de Souza	Sócio-fundador da empresa Paulo Renato de Souza Consultores.
Pérsio Arida	Diretor da Brasil Warrant (1987/89); Sócio e diretor da HE Participações; Fundador do Banco BBA; Vice-Presidente do Unibanco (1989/1993); Sócio-diretor da Opportunity Asset Management Ltda. (1996); Membro do Conselho de Administração do Banco Itaú Holding Financeira S.A.
Ronaldo Cezar Coelho	Sócio e Presidente do Banco de Investimento Multiplic.
Winston Fritsch	Presidiu o Conselho Deliberativo da Associação Brasileira dos Bancos Internacionais (ABBI) e membro do Conselho da FEBRABAN; Sócio-fundador e presidente do banco inglês Kleinwort Benson Ltd no Brasil, adquirido pelo Grupo Dresdner Bank. Tornou-se Country Head e Presidente do Dresdner Bank Brasil e Diretor do Dresdner Kleinwort Benson, Londres; Sócio e Diretor Executivo da Rio Bravo Investimentos.
Yeda Crusius	Consultora de empresas

⁷ O quadro demonstra os que estavam estritamente *filiados* ao partido. Alguns personagens considerados peças-chave do arranjo neoliberal dos governos FHC não foram pesquisados por não estarem filiados ao PSDB. São eles: Alcides Tápias, Armínio Fraga, Daniel Dantas, Edward Amadeo, Elena Landau, Francisco Lopes, José Roberto Mendonça de Barros e Pedro Malan.

Dentre os dirigentes-economistas percebemos uma peculiaridade: não eram apenas devotados à “causa comum” neoliberal, mas extremamente atentos às suas próprias carreiras que, em alguns casos, pareciam derivar da sua ocupação em cargos governamentais. Pode-se distinguir: a) os que vieram do setor financeiro; b) os que ascenderam a ele e c) os que alargaram seus vínculos com tal setor. Eram frutos de uma formação voltada para a financeirização e tiveram carreiras meteóricas – e fortunas idem, esforçando-se ao pleno pertencimento da classe a qual aspiravam.⁸

Loureiro (1997, p. 91) afirma que o estudo do meio social por onde circulam revela que universidade, governo e consultoria são lugares-comuns destes agentes. Nossa pesquisa revelou, como os dirigentes-economistas atuavam em *lugares sociais* comuns, como nas associações da sociedade civil e no meio empresarial – na estrutura corporativa industrial e especialmente no setor bancário. O quadro acima nos mostra claramente como tais dirigentes eram agentes de um processo de *banqueirização* do partido e do Estado. Isto significava conseguir subordinar, não sem contradições, o conjunto das frações das classes dominantes a setores hegemônicos do capital financeiro, bem como prováveis correligionários partidários insatisfeitos.

O PSDB se revelava, dessa maneira, como um canal por onde estes setores intelectualizados atuam em prol da conformação hegemônica de uma fração do capital da qual eles não só se apresentavam como seus gerentes mas também desprendiam esforços para nela se inserirem, ainda que numa posição subordinada. Eram integrantes de um grupo maior que não se intimidavam em transitar livremente entre altos cargos do serviço público e do setor privado, sobretudo financeiro. Trafegavam levando informações privilegiadas para a esfera privada (através de suas consultorias) favorecendo interesses em grandes transações como as privatizações e, com frequência, auferindo vantagens pessoais. Alguns deles tornaram-se banqueiros.

Não é por “voluntarismo” que muitos “capitães” do partido atuavam nas mais variadas organizações dos setores dominantes. Alguns eram, realmente, intelectuais orgânicos da burguesia neoliberal brasileira – eram empresários, industriais e banqueiros que cumpriam o papel de intelectuais de suas frações de classes. Trabalhavam militantemente na conformação de um novo consenso hegemônico, tanto na sociedade civil quanto na sociedade política: nas universidades, empresas,

⁸ Em GUIOT (2006) encontra-se, em anexo, o Quadro IV, cujo conteúdo revela a presença dos dirigentes-economistas-banqueiros no setor bancário e em consultorias, antes e após 1992.

associações das mais diversas áreas de atuação, órgãos e aparelhos estatais, estrutura partidária, dentre outras.

No capitalismo e, mais precisamente, em processos ampliação das franquias eleitorais e organizativas, a organização de classe não é uma especificidade da base popular, mas também das classes dominantes (FONTES, 2005, p. 289). O PSDB apresentava-se, desta maneira, como um “moderno Príncipe” alterado, o *condottiero* voltado para organização e unificação das frações das classes dominantes brasileiras em torno de um projeto de contra-reforma moral e intelectual neoliberal e não como construtor de uma vontade coletiva das classes subalternas. Trata-se, então, utilizar os postulados gramscianos à luz das redefinições e estratégias das classes e frações de classes dominantes no Brasil:

A unificação das tropas de muitos partidos sob a bandeira de um único partido, que representa melhor e sintetiza as necessidades de toda a classe [...] representa a fusão de todo um grupo social sob uma só direção, considerada a única capaz de resolver um problema vital dominante e de afastar um perigo mortal. (GRAMSCI, 2002, p. 61)

Vinculados organicamente ao grande capital industrial, comercial e financeiro, o PSDB revelava seu caráter de classe e, como “intelectual coletivo”, cumpria o papel organizativo e unificador das frações de classes dominantes, imprimindo as demandas específicas das frações hegemônicas do capital ao conjunto das classes e frações de classes em presença. Neste sentido, Gramsci (2002, p. 59) esclarece que

Embora cada partido seja a expressão de um grupo social e de um só grupo social, ocorre que, em determinadas condições, determinados partidos representam um só grupo social na medida em que exercem uma função de equilíbrio e de arbitragem entre os interesses do seu próprio grupo e os outros grupos, fazendo com que o desenvolvimento do grupo representado ocorra com o consentimento e com a ajuda dos grupos aliados, se não mesmo dos grupos decididamente adversários.

Ao investigar as bases sociais do partido, a pesquisa revelou inserções dos dirigentes peessedebistas em outras esferas da sociedade civil e política. Conseguimos, com isso, identificar e trazer à tona vários *lugares sociais* frequentados por eles. Preparavam-se para se qualificar junto ao capital como seus intelectuais orgânicos, valendo-se tanto das universidades públicas consagradas no Brasil (que depois se dedicaram ao desmonte), quanto de cursos de pós-graduações no exterior e atuações nas agências internacionais. Participavam de uma rede de associações corporativas e de outras voltadas especialmente para formulação da política econômica e da inserção

internacional dos interesses de setores do capital. Estavam visceralmente ligados ao meio empresarial, particularmente ao financeiro (alguns deles tornaram-se ou já eram empresários e banqueiros). Credenciavam-se, fundamentalmente, como qualificados *gestores e administradores para os banqueiros*. Ocupavam o aparelho do Estado através de nomeações e/ou também através do voto. Ali atuavam para que as políticas estatais estivessem voltadas para a satisfação dos interesses hegemônicos do capital e não dos setores populares. A estes, ao contrário, criavam e fomentavam ONG's, institutos e fundações voltadas para formas de convencimento que incutiam a ideia de que são responsabilidades destes setores a melhoria das áreas sociais. Ampliavam seu alinhamento ao *status quo* mediante posições ocupadas em várias esferas da sociedade civil e política. Diante desses esforços, anteviam para si excelentes negócios, em particular na privatização das grandes empresas estatais.

Referências Bibliográficas:

ABREU, Alzira Alves de [et al.]. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930**. Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: FGV; CPDOC, 2001.

FONTES, Virgínia Maria. **Reflexões im-pertinentes: História e capitalismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2005.

GOMES, Luiz Marcos. **Os homens do presidente – banqueiros, financistas, grandes empresários e oligarcas que estão vendendo o Brasil e destruindo os direitos sociais**. São Paulo: Viramundo, 2000.

GRAMSCI. **Cadernos do Cárcere**. v. 2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. v. 3. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GUIOT, André Pereira. **Um ‘Moderno Príncipe’ para a burguesia brasileira: o PSDB (1988-2002)**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: 2006.

LIMA, Kátia Regina de Souza. e MARTINS, André Silva. **Pressupostos, princípios e estratégias**. In: NEVES, Lúcia Mª W. (org.). **A Nova Pedagogia da Hegemonia – Estratégias do capital para educar o consenso**. São Paulo: Xamã, 2005.

LOUREIRO, Maria Rita. **Os Economistas no Governo**. Rio de Janeiro: FGV, 1997.